

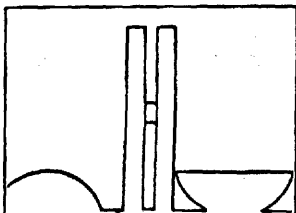
Finalmente um estilo *Jarney*

Teresa Cardoso

7 SET 1985

SE o Presidente José Sarney ainda não conseguiu transmitir à população a segurança de que sua política econômica vai nos livrar

de mais inflação e recessão, um gol ele já marcou no campo político ao fim desses seis meses à frente do Executivo: Sarney implantou seu estilo de governo. Um estilo discreto, ponderado, gestual, mas que tem um mérito inatacável — o de ser gerado



Coisas da política

pela coerência e não pela variabilidade da temperatura.

É o traço político imprimido às decisões governamentais, qualidade que o brasileiro desabituou-se a ver no Governo desde a gestão de Castello Branco, a grande novidade hoje na sede do Executivo. E esse estilo começou a delinear-se em maio, quando Sarney entregou aos presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PFL, Jorge Bornhausen, a incumbência dos acertos sobre a divisão de cargos do segundo escalão — uma das primeiras pedras a apertar seu sapato.

Entregando aos dois líderes da Aliança Democrática esse abacaxi, Sarney livrou-se de descascá-lo, fortalecendo-se ainda junto ao Congresso. Mas a fixação desse traço sarneyista nos atos do Governo ganhou maior nitidez no episódio da demissão do ex-Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles. No caso, o Presidente deixou claro que não pretende demitir nenhum dos seus ministros, mas que, discretamente, é capaz de mostrar a melhor hora para quem quiser pular fora do barco.

E Sarney mostra isso com gestos: jamais tratou Dornelles com desconsideração. Mas, sutilmente, dedicou-se a diluir seu papel no comando da economia, fortalecendo a posição do assessor especial para assuntos econômicos, Luís Paulo Rosemberg. Ofereceu ainda claros sinais de má vontade, quando não ouviu as recomendações de Dornelles para afiar mais a tesoura no corte dos gastos das estatais.

Adornada por gentilezas, a incompatibilidade de Sarney com seu Ministro da Fazenda cresceu até o ponto desejado: a substituição do monetarista mineiro pelo estruturalista Dilson Funaro, um amigo que, às segundas-feiras, almoçava invariavelmente com o Presidente no Palácio da Alvorada. Com Funaro, Sarney mostra bem sua maneira indireta de fazer as coisas. Trata o ministro com a mesma amabilidade que dispensava a Dornelles, mas com uma diferença: dá-lhe todo o poder para a condução da economia, tendo inclusive pedido a Rosemberg que mantenha a máxima discrição nessa área.

Se esse comportamento do Presidente for atentamente observado, são facilmente captáveis os sinais de que

outros ministros têm sido gradativamente desidratados em suas funções. Nelson Ribeiro, da Reforma Agrária, tem colecionado esses sinais. Em maio, quando anunciou intempestivamente seu programa de desapropriação de terras, Sarney se aborreceu o suficiente para demiti-lo. Se em seu lugar estivesse o ex-Presidente Figueiredo, outros acontecimentos se verificariam. Ribeiro teria sido chamado ao Palácio para assinar uma carta pedindo demissão, como atestam os exemplos vividos por Said Farhat, Amaury Stabile, Eduardo Portella e Maximiano da Fonseca, no Governo passado.

Mas Sarney preferiu colocar em prática sua política de gestos. Fechou a cara para o ministro e pediu que ele fizesse outro projeto. Ribeiro já chegou à quinta redação desse estudo e, só quando Sarney voltar de Nova Iorque, saberá se o texto é definitivo. Essa mesma senha gestual vale para o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que já se encontra na terceira redação do seu projeto de Lei de Greve. Quando essa redação for finalmente aceita pelo Governo, isso significa que Pazzianotto também estará ajustado à música que se executa no Planalto.

Apesar de deixar claro que é seu o poder de demitir quem quiser, na hora que quiser, Sarney pretende colocar na geladeira os colaboradores que não se ajustarem. É o seu estilo. E, para que não o chamem de injusto, ele vai gradualmente dando sinais de como um ministro deve fazer para dançar sua música. A decisão de acabar com o Instituto Brasileiro do Café e com o Instituto do Açúcar e do Alcool, anunciada no início do Governo pelo Ministro Roberto Gusmão, foi tratada com essa receita.

Em nenhum momento, Sarney sequer insinuou que desautorizava publicamente a decisão do seu ministro, mas deixou patente seu apreço pela ponderação. Deixou o assunto correr e estimulou o debate, certo de que esta é a melhor forma de evitar que alguém lhe faça a cabeça. Ouviu atentamente as discussões em torno da eficácia da desativação dessas estatais, enquanto acenava com demonstrações de que o desfecho não ia ser bem esse. Por exemplo, chamou seu amigo Carlos Alberto Leite Barbosa, da Embaixada na Colômbia, para assumir o IBC.

Na familiaridade das conversas informais desenvolvidas com amigos na Fazenda de São José do Pericumã, nos fins de semana, o Presidente já deixou claro que o Estado não pode abandonar o gerenciamento do comércio externo do café e do açúcar, se estes são grandes produtores de divisas para o Brasil. É mais um sinal de que o Governo não pretende fazer aquilo que Gusmão anunciou. Paralelamente a isso, Sarney estimulou a realização das auditorias para a apuração de irregularidades nos dois órgãos. É outro sinal, mas agora revelador de que o Presidente deseja promover mudanças nessas duas estatais. Se essa posição é boa ou ruim, é um tema a discutir. Mas já é louvável que seja lógica.

Teresa Cardoso é repórter política do JORNAL DO BRASIL em Brasília